

CARSTEN L. WILKE
HISTÓRIA DOS JUDEUS
PORTUGUESES

70

Índice

Introdução	7
I. <i>A Comunidade Judaica Medieval</i>	
A. Antes da formação do reino	
1. <i>Lendas das origens</i>	11
2. <i>Na Lusitânia romana e germânica</i>	12
3. <i>No Gharb dos Árabes</i>	15
4. <i>No reino de Leão</i>	17
B. Sob a protecção dos reis de Portugal (1147-1492)	
1. <i>Geografia do judaísmo português</i>	19
2. <i>Reis e altos funcionários judeus</i>	23
3. <i>Os judeus na economia e face ao fisco</i>	29
4. <i>Progressos e fracassos da segregação social</i>	35
5. <i>Autonomia jurídica e organização comunitária</i>	43
6. <i>A criação literária e artística</i>	49
C. A religião judaica condenada à morte (1492-1497)	
1. <i>A imigração dos judeus espanhóis</i>	56
2. <i>Da expulsão à conversão forçada</i>	61
3. <i>Os escapados ao baptismo</i>	67

II. *Os Cristãos-Novos e a sua Diáspora*

A. *Nos Impérios Português e Otomano (1497-1580)*

<i>1. Integração forçada e ascensão social</i>	71
<i>2. Forças adversas: do massacre à Inquisição</i>	78
<i>3. Sinagogas e messias clandestinos.</i>	87
<i>4. Nascimento do «marranismo».</i>	92
<i>5. Antuérpia e a rota da Índia</i>	96
<i>6. Portugueses no Levante</i>	101
<i>7. Os portos de abrigo ameaçados de Itália</i>	106

B. *A «Nação» entre dois fogos (1580-1640)*

<i>1. O açúcar brasileiro e a grande razia</i>	112
<i>2. O novo judaísmo do Mar do Norte</i>	116
<i>3. Castela e a América espanhola.</i>	123
<i>4. Mercadores de tréguas, agentes de guerra</i>	127
<i>5. Laços de sangue, de aliança e crença.</i>	133
<i>6. A reaprendizagem cultural</i>	138

C. *Da Emigração à Separação (1640-179)*

<i>1. A tragédia do judaísmo americano</i>	141
<i>2. O Atlântico holandês e britânico.</i>	147
<i>3. Livorno e o seu Mediterrâneo</i>	152
<i>4. Triunfo e declínio da Inquisição portuguesa.</i>	155
<i>5. A «vida dupla» em Castela e em França</i>	159
<i>6. Uma sociedade contrastada</i>	164
<i>7. A idade de ouro da literatura judeo-portuguesa</i>	168
<i>8. Epílogo: uma minoria modelo</i>	173

III. *O Portugal Contemporâneo*

A. Sob a monarquia

1. *A imigração marroquina* 179

2. *O judaísmo clandestino depois da Inquisição* 184

B. República e ditadura (1911-1974)

1. *A Comunidade Israelita de Lisboa* 187

2. *A redescoberta dos criptojudeus e a «Obra do Resgate»* 189

3. *Os refugiados europeus* 194

C. Depois de 1974

1. *Lisboa e Jerusalém* 200

2. *A segunda surpresa de Belmonte* 203

3. *Portugal face ao seu passado judaico* 206

Notas 211

Bibliografia Essencial 217

Índice Remissivo

Índice Onomástico 223

Índice Toponímico 235

Introdução

À frente de um bando de flagelantes, Frei Vicente Ferrer percorreu no início do século xv os bairros judaicos espanhóis para reunir a sua colheita de baptizados, à força de pregações e ameaças. Quando o monge acabou a digressão, alistado sob a égide da rainha de Castela e do rei de Aragão, solicitou acolhimento no terceiro reino ibérico. El-rei «que naquelle tempo possuía o ceptro, lhe respondeu, que elle podia entrar mas que primeiro lhe auia de mandar poer hũa coroa de ferro ardendo na cabeça»⁽¹⁾.

Esta narrativa de tradição judaica portuguesa sublinha um facto sobre o qual convém desde já insistir: a história judaica de Portugal é tudo salvo um anexo da de Espanha. O seu trajecto singular, determinado pelo poder político real, iria evoluir entre dois extremos. Na época medieval, Portugal garantia aos judeus mais protecção e segurança do que qualquer outro país europeu. Porém, à conversão forçada de 1497 sucedeu um período de retracção do judaísmo para uma clandestinidade precária, de discriminação racial, de perseguição violenta e, finalmente, de dispersão da comunidade judaica por todos os cantos do mundo.

Ora, a recordação de um século de ouro foi conservada pelos expatriados e seus descendentes. A ideia de um passado comum e de uma pátria inacessível tornou-se para eles ponto de partida de uma civilização de exílio, confortada por um judaísmo reinventado. Essa consciência judeo-portuguesa específica forneceu à época moderna

um dos exemplos mais acabados de um particularismo étnico no seio do povo judaico.

A especificidade desse grupo residiu largamente na sua abertura cultural. Muito antes das Luzes, esses emigrados portugueses viviam o seu judaísmo como um sistema capaz de assimilar a civilização ocidental. A sua mobilidade, a sua flexibilidade, e até mesmo a sua duplicidade religiosa permitiram-lhes assegurar as comunicações e trocas entre os campos de uma Europa em guerra, dilacerada pelo assalto dos reformadores e dos sultões. Esses portugueses prefiguravam um estado de espírito europeu, que ultrapassaria as fronteiras das nações individuais, sem por isso coincidir com as da Cristandade.

Favorecida pelas comemorações do quinto centenário da conversão forçada em 1997, a investigação histórica decidiu reatar a ligação ao rico passado judeo-português. A história da comunidade medieval foi escrita pelos historiadores de Portugal. O destino dos seus descendentes cristianizados, os «cristãos-novos», foi elucidado, de maneira ainda fragmentária, por especialistas de disciplinas muito diferentes: historiadores do Santo Ofício, economistas, filólogos, antropólogos. A sociedade judeo-portuguesa do exílio, a sua prodigiosa actividade intelectual, literária, tipográfica e artística fascinam desde há muito tempo os historiadores do judaísmo. A actual pequena comunidade israelita de Portugal foi já objecto de vários estudos sociológicos. Para o historiador, a sua singularidade reside na forma como acolheu os últimos criptojudes e na extraordinária obra de salvamento dos judeus que fugiam à perseguição hitleriana.

Graças aos seus múltiplos pontos de interesse, o capítulo português é agora um dos mais bem estudados da história judaica. É também um dos mais mal resumidos. O olhar português tem tendência limitar-se aos acontecimentos que se desenrolaram em solo nacional; a memória judaica, em contrapartida, atém-se à «história *post-mortem*» do judaísmo português, a saber, ao período da sua dispersão, em que a comunidade deixou a sua terra de origem e se juntou ao grande conjunto do povo hebreu. O termo «judeus portugueses» passa então a ser substituído por expressões mais vagas,

de entre as quais a de «sefarditas ocidentais» parece ter-se tornado favorita.

A presente síntese de vinte séculos de civilização judeo-portuguesa, destinada designadamente a um público não especializado, pretende devolver a essa história plural os seus contornos. Ela ultrapassa, por certo, as grelhas religiosas ou geográficas clássicas nas quais a investigação costuma inscrever os seus temas: pela força do baptismo colectivo, excede o judaísmo *stricto sensu*, tal como ultrapassa, pela emigração, as fronteiras do país de origem. Mas essa eclosão do grupo pode, paradoxalmente, contribuir para explicar a sua coerência. Só o drama dos cristãos-novos, da sua assimilação e do seu desenraizamento, torna compreensível a identidade contraditória de um «judeu do desterro de Portugal», reivindicada por tantos emigrados da época moderna.